

ANTONIO GOUVÊA MENDONÇA*

* Professor Emérito do Programa de Mestrado e Doutorado em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo — UMESP

Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie — São Paulo.

** Professor de História da Igreja, no ITESP.

*Adailton Maciel Augusto***

Com prazer, apresentamos a seguir, a íntegra de uma conversa amigável com o ilustre professor doutor Antônio Gouvêa Mendonça, que aconteceu em 20 de setembro de 2004. Homem sábio, sensível, amigável e de coração ecumênico. Personagem ímpar que facilita uma compreensão sistêmica da presença protestante no Brasil, Mendonça mostrou-se solícito por demais ao receber o convite da revista Espaços para falarmos um pouco de protestantismo, de emoção e rito, de catolicismo, religião e ecumenismo. Com seus 82 anos de vida, sentimos o professor no auge de sua síntese da pertinência e importância da contribuição da cultura protestante para a história do Brasil. Suas posições nascem de inserção pessoal e histórica no campo religioso brasileiro.

Adailton: Dr. Antonio Gouvêa Mendonça, gostaria de iniciar esta entrevista pedindo que o senhor apresente sua biografia com o seu itinerário intelectual.

Mendonça: Nasci em Arealva, pequena cidade do interior de São Paulo, na região de Bauru, em 1922. Dos cinco filhos que meus pais tiveram, só eu sobrevivi. Minha mãe morreu quando eu não tinha ainda dois anos. Meu pai casou-se de novo e morei com ele em diversos lugares da zona rural próxima a Pirajuí. Até os meus dez anos ajudei meu pai nas diversas atividades da roça. Fui trazido para São Paulo por minha avó materna para iniciar meus estudos, pois que ela, convertida ao presbiterianismo, me dedicara ao ministério após a morte de minha mãe. Para aqueles primeiros protestantes brasileiros, ter alguém da família na carreira de pastor era o maior desejo.

Por parte de meu pai, descendo da família pioneira do protestantismo no interior de São Paulo. Em 1865, os Gouvêa, sitian-

tes pobres das imediações de Brotas, no sertão da então Província de São Paulo, já preparados pelo Padre José Manoel da Conceição, que se convertera ao protestantismo presbiteriano — é uma história interessante, mas que não cabe aqui — formaram a terceira igreja presbiteriana do Brasil, professando a fé todos no mesmo dia perante o missionário norte-americano Alexander Blackford. Até onde eu sei, dessa família saíram quatro pastores, sendo pioneiro Herculano Ernesto de Gouvêa. É curioso que, em pouco tempo, a igreja de Brotas era a maior igreja presbiteriana do Brasil, superando as anteriores organizadas no Rio de Janeiro (1862) e São Paulo (1865). Organizada em fins de 1865 já possuía, em pouco tempo, cerca de 140 fiéis.

Mas, as circunstâncias não permitiram que, concluídos os estudos secundários, me encaminhasse para os estudos teológicos. Fui, então, estudar filosofia na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, onde está hoje a PUC-SP, onde os seminaristas protestantes buscavam os estudos filosóficos. Os superiores faziam o possível para que eles não fossem para a USP com temor de expô-los ao positivismo e materialismo que, segundo circulava, grassava no ambiente *uspiano*. Até hoje não entendo isso, porque a Faculdade de Filosofia da USP contava com muitos professores protestantes, inclusive estrangeiros. Talvez o perigo estive em professores como João Cruz Costa, Florestan Fernandes e outros.

Na São Bento estudei com os célebres professores da época: Alexandre Correia e Leonardo Van Acker. Com este estudei Lógica e Metafísica e, com aquele, História da Filosofia Antiga. Difícil me esquecer deles apesar do rigor e certo autoritarismo que emanavam, principalmente de Van Acker. No auge do neotomismo, um dia Van Acker nos disse: *Maritain não entra aqui em São Bento!* Já tinha entrado. Eu mesmo já lia avidamente Maritain. Não pude concluir o curso lá. Mesmo aquela mensalidade tão pequena eu não podia pagar. Fui para o curso noturno da USP e enfrentei as *feras*.

Concluí minha licenciatura em Filosofia em 1957. Dediquei-me ao ensino secundário por alguns anos e comecei o magistério superior em 1969, na Faculdade de Filosofia da Fundação Santo André. Nesse tempo eu era professor do Seminário Menor da Igreja Presbiteriana, em Jandira, SP. Então passei por crises religiosas. Ingressei no mestrado em Filosofia na USP e não fui adiante porque o Departamento perdeu vários professores, inclusive meu orientador. Era a época do AI-5. Mais tarde, ingressei no mestrado no Departamento de Ciências Sociais. Passei diretamente para o doutorado e defendi tese em 1982, já com 60 anos. Minha tese versou sobre os fatores religiosos, sociais e políticos que permitiram a inserção do protestantismo na sociedade brasileira.

Em 1978, perdi meu lugar de professor e reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente. Questões eclesiais. Fui para o Instituto Metodista de Ensino Superior, hoje Universidade Metodista de São Paulo, em São Bernardo do Campo. Fiquei lá por mais de vinte anos dando aulas no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Dentro dos meus limites, realizei-me na UMESP. Tenho o honroso título de professor emérito dessa Universidade. Ali, com toda a liberdade de trabalho e pensamento, fiz pesquisas e dei aulas, escrevi mais dois livros e dezenas de artigos hoje espalhados, dos quais perdi o controle. Não sei mais onde estão.

Os livros foram *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, produzido em parceria com o saudoso Prócoro Velasques Filho, falecido em 1991. São ensaios sobre o protestantismo brasileiro resultantes de um curso *a quatro mãos* que eu e ele demos no mestrado com o título de *História do Pensamento Cristão*. O outro é também uma coletânea de cursos que dei e foram juntados em livro, em 1997, por amigos e colegas da UMESP. Não sei porque, mas é o que mais gosto. Não circula, é um livro esquecido. Um dos seus capítulos contém meu primeiro esforço para estabelecer um perfil das Ciências da Religião buscando a distinção metodológica entre Teologia e Ciência. Esta questão ainda está em debate entre nós.

Em 2002 fui para a Universidade Presbiteriana Mackenzie colaborar na criação de um curso de mestrado em Ciências da Religião. É onde estou agora. Dou aulas e coordeno o Núcleo de Estudos da Reforma. Nestes últimos tempos tenho me dedicado mais à Sociologia da Religião propriamente dita, assim como ao aprofundamento, juntamente com outros pesquisadores, da área conhecida como Ciências da Religião.

Fui um militante do ecumenismo, o que me causou problemas eclesiais que me distanciaram até hoje de minha denominação. Colaborei muitos anos com instituições ecumênicas, como CESEP e Pastoral Protestante do CEDI- Centro Ecumênico de Informações, hoje *Koinonia*. Fiz amizades duradouras no mundo católico. Fazem também parte da minha bagagem intelectual autores como Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção, Chesterton e, é claro, Jacques Maritain e seu círculo de leigos católicos da França deliciosamente descrito por Raissa Maritain em *As Grandes Amizades* (onde foi parar este meu livro?)

Sou pastor da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil. Fui ordenado pelo Presbitério Leste de São Paulo, em agosto de 1965, como leigo que era. Não tenho formação teológica.

Adailton: Uma definição de Rito/Ritual entendida nos horizontes do(s) protestantismo(s). Aqui uma distinção, se é que existe, entre protestantes e evangélicos.

Mendonça: Esta questão, pois que de fato, resume-se afinal em uma, isto é, a grande dificuldade de se trabalhar conceitos e classificações nesse confuso universo que é, em geral, chamado de protestantismo, me leva sempre a ponto de partida da história. Sob este ponto de vista, tenho insistido em considerar a Reforma do Século XVI a partir de três vertentes: a Reforma Anglicana, uma meia Reforma, a Reforma Luterana e a Reforma Calvinista. O anglicanismo tem se mantido em geral uniforme, assim como o luteranismo. Agora, o calvinismo, por razões que o espaço não me permite discutir, tem se multiplicado a ponto de constituir, com todas as variantes possíveis, quase todo esse universo conhecido por protestantismo.

Quanto à distinção entre protestante e evangélico, é outro problema. Como resultado da Reforma, o adjetivo *evangélica* passou a fazer parte de muitas igrejas, principalmente na Alemanha, como ênfase na Bíblia, e principalmente no Evangelho, como fonte absoluta de autoridade. Nesse sentido, cabe identificar protestante com evangélico. Contudo, como decorrência do chamado movimento de Oxford havido na Igreja Anglicana, nas primeiras décadas do século XIX, surgiu um movimento conservador que passou a ser chamado também de *evangélico*. Hoje, o termo *evangélico*, principalmente nos Estados Unidos, é usado para designar os protestantes da ala conservadora e que se aproximam bastante do fundamentalismo. No Brasil, diante da dificuldade de distinção, estamos começando a apor-tuguesar o termo inglês *evangelical* para evangelical com acento na última sílaba a fim de não confundir as coisas. Assim, evangélico seria sinônimo de protestante e evangelical seria res-trito aos protestantes mais conservadores.

Agora, a questão do rito/ritual. Consideremos rito e ritual como equivalentes à liturgia. Temos, então, Igrejas litúrgicas e não litúrgicas, e isto no sentido puro, porque não há Igreja que não tenha liturgia. O que as distingue é a simplificação progressiva desde rituais que envolvem ordem rigorosa a partir da presença de objetos sagrados, sons, gestos e palavras rituais e repetidas, até a quase exclusividade da palavra espontânea. Embora carecendo de rigor mais objetivo, poderíamos propor a seguinte linha: o rito vai perdendo elementos a partir do anglicanismo, passando pelo luteranismo até as igrejas reformadas propriamente ditas, ou calvinistas. Nestas, notam-se tentativas de recuperar algo do ritual mais sensível quando os pastores usam vestes litúrgicas, em geral uma toga preta com uma estola azul, cor das igrejas calvinistas. O calendário cristão, aqui ou ali, se recupera. Entretanto, as Igrejas protestantes em geral, são de extrema singeleza ritual.

Adailton: *Qual é o lugar ocupado pela Emoção/Rito naquilo que chamamos Sistema Religioso?*

Mendonça: Parece-me que você está entendendo como Sistema Religioso o conjunto de religiões instituídas que, de alguma forma, mantém rituais ou cultos organizados. Se assim for, temos de adicionar aqui o momento fundante da religião e do culto que é o mito. Todo rito ou culto é uma atualização do mito, experiência religiosa fundante trazida no tempo e no espaço sagrados com toda a carga emotiva original. Rito e emoção, portanto, caminham juntos. Quanto mais uma religião consegue atualizar ritualmente o mito dentro de uma ordem dada e aceitável, isto é, controlar a emoção latente no mito e expressa no rito, mais ela se firma como tal. Não há religião sem emoção, sem a presença sensível do sagrado. Quanto mais a emoção ritual do sagrado é dominada, mais a religião se dilui em ética.

Adailton: *Se entendemos a Emoção/Rito como uma das formas e expressão de relação com o Sagrado, qual o seu lugar na compreensão do protestantismo histórico?*

Mendonça: Excluídas as Igrejas ritualistas ou litúrgicas, cuja melhor expressão é a Anglicana, que nem mesmo se inclui entre as protestantes, todas as demais que se inserem no protestantismo histórico, são igrejas da Palavra. Objetos sagrados, assim como gestos rituais, são afastados para dar lugar à Palavra. O sagrado é a Palavra. Mesmo que existam rituais escritos, só são usados no ofício de sacramentos e outros ritos especiais, como matrimônio, ordenações, consagrações, etc. Mesmo assim, os oficiantes que banalizam o ritual, improvisando-o, não são recriminados. Sob o ponto de vista da emoção, o protestantismo histórico é a expressão do sagrado dominado.

Adailton: *Onde encontra-se o Sr. nas posições sugeridas por Francisco Cartaxo Rolim, Paulo Freston e Ricardo Mariano ao classificar o protestantismo no Brasil?*

Mendonça: Esses três autores não fazem nenhum esforço para distinguir protestantismo histórico de pentecostalismo, coisa que tenho procurado fazer, apesar das dificuldades que o objeto apresenta. Para mim, há sensível ruptura na passagem do protestantismo histórico para o pentecostalismo em todas as suas múltiplas faces. A discussão aqui seria longa. Tenho feito isso em outros lugares e, por isso, vou me abster de retomá-la aqui.

Quanto ao meu saudoso amigo Rolim, minha dificuldade com ele situava-se, e situa-se, no seu conceito de pentecostalismo como protestantismo popular. Nada mais antagônico do que protestantismo e povo, massa. Se partirmos para a equivalência entre povo e pobreza, a coisa fica pior ainda. O protestantismo nunca se ajustou às massas, nunca foi mentalmente proletário. Paul Tillich afirmou isso num de seus célebres en-

saio. O protestantismo é uma religião, uma ética, extremamente individual e não aceita a pobreza como categoria, mas como estado decorrente do pecado. Rolim, ao trabalhar religião sob o ponto de vista de classe social, não percebeu isso. Discuti isso com ele mais de uma vez.

Quanto a Freston e Mariano, tão respeitáveis quanto Rolim em suas pesquisas, caminham juntos quando não aceitam a ruptura e classificam os pentecostais a partir do conceito de ondas. Acho que esse conceito não passa de metáfora quando aplicado à história dos pentecostais no Brasil porque não é suficiente para distinguir entre si os três momentos dessa história. *Onda* se aplicaria se os três momentos fossem semelhantes, o que não ocorreu. Na década de 50, tivemos o movimento de cura divina; nos anos 70 o avivamento carismático no interior das Igrejas históricas e, por último, o movimento centrado na teologia da prosperidade caracterizado em vários pontos pelo sincretismo. Neste momento, o chamado neopentecostalismo está muito distante do protestantismo histórico.

Adailton: *Certa vez o Sr. disse-me que não trabalhou conjuntamente com o Prof. Dr. Rolim um volume sobre o pentecostalismo para a Coleção Teologia e Libertação. O sr achava a visão de Rolim marxista por demais. Afinal: em que linha de pensamento acredita o Prof. Mendonça?*

Mendonça: O marxismo de Rolim consistia em trabalhar religião sob o ponto de vista de classe social. Como eu já disse, acho que esse ponto de vista não dá conta do problema das mutações no campo protestante, mesmo quando se trata de rupturas tão evidentes como o caso do protestantismo histórico/pentecostalismo. Quanto a mim, não sou adepto da fixação nesta ou naquela teoria ou método. Entendo que há outras maneiras, consagradas ou não, de se abordar a religião, no caso do protestantismo, sem as limitações a que se submetem os que se esforçam por partir de questões de classe.

No caso do volume que eu deveria escrever com Rolim, deixei-o a cargo dele. O resultado foi *Pentecostalismo, Brasil e América Latina*, publicado em 1995, na coleção *Teologia e Libertação*. A temática continuou a mesma. Mas, insisto em que, embora o pentecostalismo surja quase sempre nas camadas pobres, o ideal de ascensão social não se afasta dele. Se o pentecostalismo fosse religião de pobres como categoria social, não haveria Igrejas pentecostais de classe média alta e nem surgiriam movimentos carismáticos de classe média letrada como acontece com frequência.

Adailton: *Como o Sr. classificaria esquematicamente, hoje, o protestantismo no Brasil?*

Mendonça: Para não entrar na vasta discussão a esse respeito, isto é, de um sistema de classificação que seja adequado ao protestantismo, e mesmo deixando de lado por motivos didáticos as restrições já antes apontadas, vou considerar o termo protestantismo como designativo de todo o cristianismo não católico no Brasil, ou como disse o padre Agnelo Rossi no seu *Diretório Protestante: religiões a-católicas*.

A classificação clássica e mais usada tem sido, até agora, a proposta por Cândido Procópio Ferreira de Camargo em *Católicos, Protestantes, Espíritas* (1973): protestantes de imigração e de missão ou conversão. Num trabalho recente (*Sociologia da Religião e Mudança Social*), acresci a categoria de protestantismo de invasão para designar a presença dos huguenotes franceses no Rio de Janeiro, no século XVI, e dos reformados holandeses, no século XVII. João Baptista Borges Pereira, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em trabalho ainda a ser publicado, prefere designar os protestantes de imigração e os de missão ou conversão em protestantes de uma pré-onda ou onda primordial. Este autor acompanha a proposta de Freston para classificar o movimento pentecostal. Embora eu não seja adepto dessa classificação, tenho de reconhecer que ela caiu em uso. Assim, teríamos esta sequência classificatória: protestantes de invasão, de pré-onda ou onda primordial (luteranos, presbiterianos, congregacionais, metodistas, batistas e com restrições feitas por eles mesmos, os episcopais anglicanos, e pentecostais de primeira, segunda e terceira ondas. Este é um critério histórico. Há outro critério também histórico que é aquele que propus em *Introdução ao Protestantismo no Brasil*.¹

1 Cf. MENDONÇA, A. G. — VELASQUES FILHO, P., *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo/São Bernardo do Campo, Loyola/Ciências da Religião, 1990.

Adailton: *Considerando as fases que o sr. sugere, que lugar ocupa a emoção/rito e os sentidos da emoção/rito para cada fase?*

Mendonça: No Brasil, o rito conjugado com a emoção só passa a ser sensível com a vinda do pentecostalismo na primeira década do século XX. Contudo, para não dizer que o chamado protestantismo histórico é absolutamente infenso à emoção, vale lembrar que esse protestantismo, por cerca de um século, começando na Inglaterra em meados do século XVIII e terminando nos Estados Unidos em meados do XIX, valorizou muito o drama da experiência religiosa. O chamado pelos historiadores de Grande Despertamento (*Revivals*) buscava a conversão dramática e individual.

Passada essa fase, o protestantismo voltou à emoção contida, ou mesmo, à ausência de emoção. Isto não significa que, no interior das igrejas históricas não surjam grupos *entusiasmados*, ou carismáticos como queiramos, que refletem a constante tendência de volta a um sagrado mais liberado.

Adailton: *Passemos àquilo que chamo de protestantismos pós-modernos. Refiro-me aos grupos neopentecostais. Que análise o sr. faz de tais grupos considerando a importância da tradição protestante para a história do cristianismo?*

Mendonça: Aqui preciso pisar com cuidado porque já fui acusado de, por pertencer a uma tradição do protestantismo histórico, diminuir a importância dos pentecostalismos. Alguns estudiosos estão negando condições de isenção científica aos chamados religiosos sociólogos só pelo fato de serem religiosos. Não avaliam, ao fazerem isso, o nível de objetividade realmente presente no que escrevem esses religiosos sociólogos.

Não se pode negar a importância histórica do cristianismo protestante, sua participação na construção da civilização ocidental, mas não podemos avaliar ainda a relevância que terá, sob esse mesmo aspecto, os pentecostalismos destes tempos de pós-modernidade. Não tenho dúvidas a respeito da dificuldade que o protestantismo está tendo para se ajustar à pós-modernidade por causa de sua rigidez dogmática e ética. Sua ética foi construída num outro momento e em outro lugar, principalmente nos padrões da moral vitoriana. Ora, a pós-modernidade exige boa dose de maleabilidade, de ajustes constantes e sempre provisórios a uma realidade sempre mutante.

O chamado neopentecostalismo é, de fato, uma religiosidade pós-moderna neste sentido de que não estabelece sistemas dogmáticos e nem mesmo uma ética que lhe dê um perfil identitário. A construção de uma ética exige tempo e não de ajusta à temporalidade pós-moderna. A impressão que tenho é que o neopentecostalismo durará e crescerá enquanto permanecerem os padrões oscilantes da pós-modernidade. Neste sentido, as religiões dogmáticas e éticas tendem, em relação a ele, a perder terreno pois que não se adequam ao imeditatismo das trocas de bens simbólicos.

Adailton: *Tornou-se corrente qualificar tais grupos de protestantismos de emoção. O sr. não acha tal designação arriscada ao se falar da tradição protestante que centra no indivíduo/persona a efetivação da experiência religiosa?*

Mendonça: É duplamente arriscado. Como já disse, não posso aceitar de maneira superficial que os pentecostalismos e, em especial, o neopentecostalismo, sejam uma forma qualquer de protestantismo. Repito que há entre eles uma ruptura significativa, que toca mesmo a essencialidade do protestantismo. E essa ruptura, entre outras coisas, põe em evidência a individualidade da experiência religiosa do protestantismo que, salvo raras exceções históricas, não caminha pelos sulcos da emoção coletiva.

Adailton: *Existiria alguma proximidade entre os protestantismos emocionais e o pentecostalismo católico sugerido pela Renovação Católica? Que impressões o sr. tem a respeito dessa tendência católica oficializada pela CNBB?*

Mendonça: Fica entendido que estamos falando de pentecostalismo e não de protestantismo. Não sei bem o grau de emotividade da prática religiosa da Renovação Carismática atualmente. Sabe-se, e eu tive confirmação disto, que esse movimento no interior da Igreja Católica surgiu de experiências comuns com protestantes adeptos da emotividade moderada batizada como carismática ou entusiasta. Esse tipo de experiência religiosa é procurada em círculos restritos e fechados no interior do protestantismo e que não afeta diretamente a estrutura das igrejas. Mas, em última instância, a minha impressão é que o perfil carismático dos católicos da renovação não vai além do equivalente ao pentecostalismo clássico.

Adailton: *Na visão do sr. o futuro da Igreja Católica no Brasil está na carismatização? Certa feita o sr. me disse também que há alguns anos, em diálogo com bispos católicos, o sr. teria dito o quanto o movimento carismático era algo a que não se podia dar muita corda. Permanece de pé tal postura?*

Mendonça: Permanece porque as regras continuam as mesmas. Como se sabe, o movimento carismático e pentecostal rege-se pela liberdade no Espírito (lembremo-nos de Joaquim de Fiore). Ora, a liberdade no Espírito equivale à transferência de poder, o que, por sua vez, conduz a outras formas de ordem e disciplina diversas das estabelecidas pela instituição religiosa. Quando conversei com os bispos, minha própria igreja passava pela experiência pentecostal. A liberdade do Espírito, não controlada, levaria a previsíveis transferências de poder.

Contudo, quando eu disse aquilo já certo de que a Igreja, com sua histórica habilidade de assimilar movimentos dissidentes, saberia como lidar com a ameaça de poderes paralelos. Foi o que aconteceu com a atitude da CNBB.

Quanto ao futuro da Igreja Católica, é difícil dizer. Entretanto, a história nos diz que a oficialização de muitos movimentos dentro dela, revolucionários de início, serviu para fortalecê-la. O mesmo pode acontecer com a Renovação Carismática quanto ao crescimento da espiritualidade.

Adailton: *Sinto que os cristianismos emocionais e rituais de hoje (tanto católicos como protestantes) primam pelas liturgias de massa depreciando a qualidade do crente. Afinal, quem determinaria a qualidade daquele que crê? A instituição, a Tradição ou ele mesmo?*

Mendonça: De fato, a individualidade se perde na massa e, ainda, por outro lado, a vida religiosa, o modo de ser no mundo segundo a fé, empobrece-se na medida em que a emoção se esvanece no cotidiano. A emoção, atingido seu ápice, se esvaízia. Não é possível viver constantemente a emoção e, por isso, a vida religiosa reduz-se ao tempo da experiência e perde o sentido em seguida. A instituição religiosa e sua tradição estabelece as regras do tempo e do espaço sagrados, mas a vivência da fé parte do indivíduo.

Adailton: *O sociólogo Ricardo Mariano sugeriu há algum tempo atrás que o futuro não será protestante. Como o sr. percebeu tal afirmação?*

Mendonça: Prefiro não responder a esta pergunta porque não me recordo das razões que levaram Mariano a fazer essa afirmativa. Sem isso não posso me arriscar a dar uma resposta. Num outro momento talvez possa discutir essa questão revenendo a argumentação que Mariano usa.

Adailton: *Em qual projeto ecumênico acredita o prof. Mendonça? Há espaço para uma mentalidade ecumênica na atualidade ou os anos vividos apagaram a utopia da oikoumene?*

Mendonça: A utopia ecumênica acabou. O ecumenismo foi um movimento de leigos de grande amplitude, especialmente de jovens cristãos, que teve início no século XIX e alcançou seu ápice nos anos 60 do século XX. Como sempre acontece, foi logo clericalizado e envolveu as denominações cristãs sendo, portanto, institucionalizado. A utopia não envolvia, seguramente, a reunião do cristianismo numa só igreja. Acredito que ninguém chegou ao ponto de pensar nisso, a não ser os inimigos do ecumenismo que logo partiram para a crítica de uma futura super-igreja como alguns diziam.

Num período politicamente conturbado de pós-guerra, a reconstrução social, tanto dos países diretamente envolvidos no conflito como dos que indiretamente haviam sofrido as conseqüências, o Conselho Mundial de Igrejas não teve como não estimular as Igrejas ao compromisso com as profundas *mudanças sociais e tecnológicas*. Neste ponto, a utopia entrou em conflito com a ideologia e as igrejas, por sua vez, entraram em desacordo tendo como ponto de partida as tradições conservadoras e progressistas que as dividiam. As ideologias e o conservadorismo, este em alguns casos fortemente fundamentalista, acirraram o denominacionalismo. Isto minou o movimento ecumênico, tanto ideal como institucional.

Hoje, as instituições ecumênicas que ainda persistem perderam a relevância. As Igrejas se fecharam em si mesmas. Mas,

se você me perguntar se o movimento ecumênico deixou algum resultado positivo, eu diria que sim. Ao menos o mundo cristão tornou-se mais tolerante e aberto ao diálogo, principalmente entre pessoas que já não levam tanto em conta as diferenças religiosas e respeitam-se umas às outras.

Adailton: *Mudemos a tônica da entrevista: passemos para os sacrifícios de vidas humanas sustentados por linguagens religiosas (lembro George Bush, Bin Laden, o conflito israelo-palestinese, Beslan na Rússia); são concebíveis ao se aprofundar no sentido mesmo da essência das religiões?*

Mendonça: Todas as grandes religiões acabam, de um modo ou de outro, por se confundir com o poder em geral, principalmente do Estado-nação. A ideologia política transforma a utopia religiosa também em ideologia e, daí em verdades absolutas. As *verdades* religiosas passam a justificar as *verdades* dos governos e, assim, fornecer razões de ordem absoluta para os atos arbitrários de violência muitas vezes inauditos. Tanto as guerras religiosas, como as que ensanguentaram a Europa no século XVI como as guerras políticas do mundo contemporâneo, trazem no seu interior justificativas absolutistas de ordem universal. Neste ponto é que entram em jogo os fundamentalismos religiosos. O fundamentalismo como justificativa para a violência dos países mais fortes contra os mais fracos, assim como de grupos de terrorismo político internos, parece ter assumido formas bem definidas a partir da Guerra Fria, com muita evidência no período do Governo Reagan. É certo que algumas religiões cultuaram deuses belicosos e deram origem a nações guerreiras no passado. Contudo, a essência das religiões está na organização pacífica dos grupos sociais, na busca de esperança e paz para o todo e o indivíduo. Avaliar outras culturas e dimensões políticas como inferiores à sua própria e, em nome de pretensa solidariedade, invadir países ou fomentar neles revoluções sangrentas, não passa de ocultamento de interesses de outra ordem. É o estamos vendo hoje.

